

CARTAS E PREFÁCIOS DE MÁRIO DE ANDRADE: ESCRITOS DISPERSOS E *O ENSAIO COMO FORMA DE ADORNO*

Jakeline Fernandes Cunha (USP/FAPESP)¹

RESUMO: *O objetivo do artigo será fazer uma aproximação entre os escritos dispersos de Mário de Andrade com **O ensaio como forma de Adorno**. Consideraremos que o Mário das cartas e, especialmente, o Mário dos dois prefácios esboçados para **Macunaíma** escreve experimentando, intuindo, raciocinando e questionando.*

PALAVRAS-CHAVE: epistolografia, prefácios, ensaio, Mário de Andrade, Theodor W. Adorno.

A correspondência epistolar entre escritores ligados ao modernismo brasileiro oferece um material fecundo para a compreensão das questões estéticas, históricas e sociais do período. A correspondência torna-se o espaço para a discussão entre intelectuais modernistas que se encontravam em diferentes cidades, como Mário de Andrade em São Paulo, Manuel Bandeira no Rio de Janeiro ou Carlos Drummond de Andrade em Belo Horizonte. A carta acompanhando a liberdade de espírito (tal como aquela pregada por Adorno em **O ensaio como forma**) e as mudanças estéticas do modernismo “perde a formalidade que se encontra até essa época; torna-se efetivamente troca de idéias, informações, como substituto efetivo da conversa”, de acordo com Júlio Castanôm Guimarães (2004, p. 24). Esta modificação, sem dúvida, segundo o autor, “propicia um maior desembaraço, de modo que, para além de questões literárias, a carta [no modernismo] será também espaço de manifestações pessoais, de informações privadas de pessoas envolvidas na vida literária” (p.24). Devido à importância como escritor que atuou em múltiplas áreas (poesia, ficção, crítica de literatura, crítica de artes plásticas, crítica de música), devido ao seu “gigantismo epistolar” e por ter se correspondido com os principais intelectuais da época, Mário de Andrade é a figura principal em termos de correspondência literária no modernismo brasileiro.

A epistolografia, sobretudo entendida como “rede textual” e como construção de uma “história”² é um gênero espontâneo, fragmentário e híbrido, invadido por outras

¹ Mestranda do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo. jakelinecunha@yahoo.com.br. Esse estudo é resultado do curso de pós-graduação intitulado “A epistolografia de Mário de Andrade”, ministrado pelo Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, na Universidade de São Paulo no primeiro semestre de 2007.

² Jeanne Bem (1999) distingue carta de correspondência: “a carta é *pontual*, o autor da carta jamais vai além dela, vinculando-a no máximo à sua carta anterior e a do correspondente a quem responde. A correspondência é uma passagem do pontual à totalidade e à duração. A carta é um fragmento de texto *flutuando*. A correspondência lhe dá ancoragem, ela transforma a sucessão das cartas em uma história e se constitui em rede textual” (p. 104). O organizador que dá, portanto, dimensão pública as cartas: é ele que constrói essa “história”, essa “rede textual”. A edição das correspondências feita pelo organizador é um trabalho técnico e específico que deve propiciar o máximo de informações (notas); inclui, portanto, pesquisa documental, levantamento de fontes, decifração de nomes, idéias e circunstâncias. Daí a construção das notas ser um trabalho de erudição que fornece dados, bem como um trabalho de interpretação, que pode resultar em vários textos críticos além daqueles emergidos no conteúdo mesmo das cartas.

instâncias de criação. Neste sentido, a correspondência, ou a carta pode se transformar em autobiografia, em crônica, em diário, em literatura (romance) ³, em elemento ficcional, em narrativa de romances epistolares e em ensaísmo. É nesse âmbito que para Mário de Andrade a carta é o lugar de experimento, de adestramento, de memória, de conhecimento ou esforço de criação e, assim, o lugar da reflexão sobre o fazer literário, o lugar, enfim, de interação entre a sua vida e suas ações no plano cultural.

Podemos pensar as correspondências de Mário (incluindo os dois prefácios não publicados de **Macunaíma**, quase cartas-ensaio) como um arquivo de idéias, técnicas e ideários vanguardistas e como um "arquivo de criação", que proporciona buscar a gênese e as várias etapas de elaboração de uma obra artística, como da rapsódia, do exímio modernista. Pensar assim é refletir a relação da carta com a crítica, com o exercício ensaístico que ao experimentar, avaliar, inventar "instaura hesitação", "incita reações", "aprofunda temas e assuntos diversos" e problematiza definições (MORAES, 2001, p. 17).

Em **Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo**, Júlio Castañon Guimarães faz uma aproximação entre carta e artigo: "essa aproximação não se dá apenas por referência, (...), mas na quase totalidade das cartas pelo fato de o texto destas vir a discorrer sobre os assuntos de interesse dos correspondentes. Em alguns casos mais extremos, a carta se confunde inteiramente com um texto ensaístico" (2004, p. 32). Evidentemente para que esse exercício crítico seja rico e dinâmico, os interlocutores como Mário e Bandeira, cuja amizade epistolar durou mais de duas décadas, mantêm um "pacto" determinado no início da correspondência. Esse contrato longo, iniciado em 1922, manifesta o movimento vivo do pensamento de Mário movido pelo debate continuum. As cartas-ensaio são, neste sentido, como um palco da experiência intelectual desse grande autor. Nesse palco observamos que o seu "pensamento não avança em sentido único, em vez disso, os vários momentos se entrelaçam como um tapete", para usar a metáfora adorniana (2003, p. 30).

A construção do projeto nacionalista de Mário evidencia a densidade dessa tessitura tateante que não é invariável no tempo, pois é fruto de várias intuições, *insights* que vão se desdobrando em uma forma crítica cristalizada por seu próprio movimento. Construção pedagógica obstinada, iniciada mais especificamente no final de 1924 e começo de 1925, tecida continuamente na interação epistolar com os jovens escritores e em fragmentos, já que nas missivas multiplicavam outros assuntos. Nesse processo, Mário de Andrade problematiza a sua concepção de nacionalismo que será "corpo e alma" de **Macunaíma** e, assim, "corpo e alma" dos dois prefácios da obra que o autor decide manter inéditos até 1972, quando os confia a um crítico a respeito do qual falaremos em seguida.

As cartas-ensaio no contexto modernista, de liberdade, são uma forma aberta, cujas lacunas e inconclusões favorecem/orientam o argumento, pois como diz Adorno "a descontinuidade é essencial ao ensaio, seu assunto é sempre um conflito em suspensão" (2003, p. 35). Os dois prefácios descartados que comporiam as edições iniciais de **Macunaíma** – que aliás lembram muito as discussões que aparecem nas epístolas de Mário quando fala da obra– demonstram ostensivamente essas

³ Manuel Bandeira, na célebre carta enviada a Mário de Andrade em 8 de abril de 1933, faz o seguinte comentário ao dizer que está organizando seus papéis, como as cartas: "Como li cartas de minha gente de mistura com a correspondência de amigos (você, Couto e outros), tudo muito rico de substância humana, tenho a impressão de ter lido um romance do tipo *Contraponto* de Huxley ou do *Mannhattan transfer* do Dos Passos" (MORAES, 2001, p. 556). Esse comentário abre "perspectivas para se trilhar a correspondência de Mário e Bandeira como um 'romance'. Esse diálogo epistolar forja um espaço ficcional privilegiado para onde convergem personagens, situações, confrontos e ambiência histórica abarcando mais de duas décadas" (MORAES, 2001, p. 13).

peculiaridades d'**O ensaio como forma**. Na ação compartilhada da troca de cartas, portanto, perdura o diálogo aberto e didático da crítica de Mário de Andrade capaz de interferir na opinião e, assim, na produção dos seus destinatários. Mário para seduzir os jovens escritores cria artifícios facilitadores, como comparações e distinções de formulações para o mesmo tema, bem como a estratégia do apelo e não do conselho (pois esse pressupõe superioridade, poder, e não expressão de igualdade) para que eles o acompanhem e difundam suas idéias. Por meio da epistolografia o autor, de alma sublime e mente profunda, coloca em prática uma arte heurística que consiste em fazer descobrir pelo aluno o que lhe quer ensinar.

O Mário das cartas, o Mário de **Macunaíma** que formulou e renunciou a dois prefácios para a rapsódia, escreve intuindo, raciocinando e questionando o objeto, ou seja, escreve ensaisticamente. Vale lembrar que o caráter aberto do ensaio não quer dizer que se trate de algo vago, pois ao mesmo tempo que é “mais aberto”, devido a sua própria disposição de anti-sistemático, é “mais fechado”, por trabalhar enfaticamente na forma da apresentação, “exposição”. A relativização imanente à forma ensaio compõe os escritos de Mário. Em 10 dezembro de 1928, o escritor e jornalista paraibano José Vieira no seu artigo **Macunaíma, por Mário de Andrade** afirma que essa obra é um “misto de romance e ensaio”. Para o crítico as idéias do grande modernista sobre a “língua brasileira” constituiriam um ensaio entranhado na narrativa ficcional (1928, apud RAMOS JÚNIOR, 2006, p. 50).⁴

Os dois prefácios que comporiam a abertura de **Macunaíma**, um escrito em 19 de dezembro de 1926 e o outro em 27 de março de 1928, são memórias rascunho muito próximos das cartas-ensaio, e em afinidade com essa experiência intelectual mais aberta contígua a forma ensaio. Em carta dirigida a Manuel Bandeira em 04 de outubro de 1927, Mário se mostra ansioso quanto ao acolhimento de seu livro, que ainda não havia recebido a redação “definitiva”, encaminhada ao prelo no ano seguinte. Após contar ao amigo que se tratava da “coisa mais *déroutante*” que fizera até então, diz que havia escrito um prefácio para o livro e que resolvera tirá-lo, por certa intenção malévola: “é um pouco de malvadeza mas palavra que é uma malvadeza gozada, já passou o mau-humor que me deu a incompreensão do idílio” **Amar, verbo intransitivo** (MORAES, 2001, p. 356). O autor de **Macunaíma** com a omissão do prefácio se vingaria da crítica insensível, indolente e superficial, desamparando-a aos seus próprios recursos diante da obra “*déroutante*”. Sete meses antes, em correspondência datada de 20 de fevereiro de 1927, quando ainda tinha dúvida entre publicar ou não o prefácio, Mário de Andrade pressente a indiferença da crítica na futura recepção do livro e, se queixa ao amigo Carlos Drummond de Andrade: “É triste a gente ver assim uma obra que é feita com paixão, você bem sabe disso, e é feita com frieza crítica severa ser assim destrutada por uma leitura *blasée*” (ANDRADE, 1982, p. 106).

Mas os manuscritos dos dois prefácios que Mário esboça para a obra (e decide manter inéditos até 1972) tiveram um curioso destino. Eles foram confidenciados a Alceu Amoroso Lima em 19 de maio de 1928: Mário envia ao amigo uma cópia dos dois prefácios e uma carta que explica impressões de sua obra de arte. José de Paula Ramos Júnior salienta que esse escritor e líder católico, assinado com o pseudônimo de Tristão de Ataíde, aproveita-se parcialmente da carta e dos prefácios para elaborar a primeira crítica publicada da obra, já que a primeiríssima recepção “afigura-se como depoimento crítico mascarado” (2006, p. 21). O autor da tese **A fortuna crítica de**

⁴ José de Paula Ramos Júnior, em recente tese (2006) sob o título de *A fortuna crítica de Macunaíma: primeira onda (1928-1936)* estuda vinte quatro documentos sobre a obra de Mário de Andrade, publicados em periódicos e livros, no período especificado. Um desses documentos explorados com leitura rigorosa é esse de José Vieira.

Macunaíma: primeira onda (1928-1936) procura demonstrar que o resenhista anônimo da matéria intitulada **Macunaíma: O livro de Mário de Andrade**, publicada no Diário Nacional em 07 de agosto de 1928, é o próprio Mário de Andrade. Tristão de Ataíde no seu artigo **Macunaíma**, publicado n' **O Jornal** em 09 de setembro de 1928, calibra, portanto, suas idéias orientado pelos prefácios e a carta enviados pelo amigo. Esse primeiro artigo sobre a rapsódia, que abriu caminho para críticos posteriores como Augusto Frederico Schmidt e José Vieira, desencadeou, por sua vez, uma vigorosa polêmica: contribuiu, sem dúvida, “para alimentar a crise de relacionamento que culminaria na ruptura, então iminente, da amizade entre Mário e Oswald, bem como na divisão do núcleo mais consistente do modernismo paulista” (2006, p. 81). Na resenha o crítico sob o pseudônimo de Tristão de Ataíde dissocia **Macunaíma** do movimento antropológico de Oswald de Andrade.

Pensar nesses prefácios renegados por Mário – vazados através da indiscrição do crítico literário de maior prestígio no país de então – é pensar n' **O ensaio como forma** de Adorno, produto misto de características intuitivas (espontaneidade da imaginação subjetiva) e racionais (pensamento conceitual e de teor especulativo). Mário no segundo prefácio ao descrever sobre as intenções e problemas do livro, que carecem explicar, parece evidenciar que opera pelo método de tentativa e erro, em virtude da abertura essencial da experiência – que é, aliás, intermediada com a história, pois, segundo Adorno, a experiência “meramente individual, que a consciência toma como ponto de partida por sua proximidade, é ela mesma já mediada pela experiência mais abrangente da humanidade histórica” (2003, p. 26).

Essa forma da tentativa encarada como o “ideal utópico de acertar na mosca” mesclada com “a consciência da própria falibilidade e transitoriedade” (ADORNO, 2003, p. 35) é percebida e revelada por Mário de Andrade nesse fragmento do prefácio de 1928:

Este livro de *pura brincadeira escrito na primeira redação em seis dias* ininterruptos de rede, cigarros e cigarros na chácara de Pio Lourenço perto do ninho da luz que é Araraquara, afinal resolvi dar sem mais preocupação (...). Não sei ter humildade falsas não e si publico um livro é porquê acredito no valor dele (...). Não me amolo que sejam péssimas e mesmo que *minha obra toda tenha a transitoriedade precária da minha vida*. O que me interessa mesmo é dar pra mim o destino que as minhas possibilidades me davam. È que tenho sido útil: as preocupações, as *tentativas*, as amizades e até as repulsas (...) que tenho despertado provam bem. (...) (ANDRADE, 1997, p. 433, grifos nossos).

No início desse depoimento observamos que a criação de **Macunaíma**, tal como o texto profundo de Adorno, evoca liberdade, uma vez que a “felicidade e jogo lhe são essenciais” (p. 17). Mário deixa claro nesse prefácio, como no outro de 1926, que o livro de férias “escrito no meio de mangas, abacaxis e cigarros de Araraquara, um brinquedo” “não começa com Adão e Eva”, “como uma criação a partir do nada”, mesmo porque é resultado de muita peleja, diz no início do primeiro manuscrito, muita pesquisa anotada nas fichinhas (p.17). Tanto a obra como os prefácios e as cartas parecem começar “com aquilo o que deseja falar” e terminam “onde sente ter chegado ao fim”, onde lhe prouver, onde julgar que seus objetivos se encontram satisfeitos, “não onde nada resta a dizer”. Esses escritos ocupam, desse modo, “um lugar entre os

despropósitos”, já que estão longe daquilo que agrada o pensamento tradicional rígido e ponderado (ADORNO, 2003, p. 17). Para Adorno, portanto, escreve ensaisticamente

quem compõe experimentando; quem vira e revira o seu objeto, quem o questiona e o apalpa, quem o prova e o submete à reflexão; quem o ataca de diversos lados e reúne no olhar de seu espírito aquilo que vê, *pondo em palavras o que o objeto permite vislumbrar sob as condições geradas pelo ato de escrever* (ADORNO, 2003, p. 35-36).

A construção de **Macunaíma**, prosa poética no dizer do seu autor, é assim inerente à forma ensaio, uma vez que exemplifica uma experiência intelectual de um aprendiz que, imbuído na liberdade de criar artisticamente, bota “em palavras o que o objeto permite vislumbrar sob as condições geradas pelo ato de escrever”. Afinal *Macunaíma*

não passou dum jeito pensativo e gosado de descansar umas férias relumeante de pesquisas e intenções, muitas *das quais só se tornaram conscientes no nascer da escrita*, me parece que vale um bocado (...) me parece que os melhores elementos duma cultura nacional apareceu nele (ANDRADE, 1997, p. 433, grifos nossos).

Os dois prefácios de **Macunaíma** – como se homônimo das cartas-ensaio – nos instiga, enfim, a refletir sobre esse livro “*déroutante*” que apesar de ser fruto de “pesquisas e intenções”, nasceu de uma tentativa, de uma deliciosa brincadeira. Uma brincadeira, portanto, intelectual, séria e ensaística cuja tessitura, tal como os outros escritos dispersos de Mário de Andrade, aproxima da concepção de ensaio do autor alemão Theodor W. Adorno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. **Fac-símile dos manuscritos** (prefácios). In: _____. *Macunaíma*. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Madri/São Paulo: Allca/Scipione Cultural, 1997.

ANDRADE, Carlos Drummond (org.). **A lição do amigo**: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Record, 1982.

ADORNO, Theodor W. **O ensaio como forma**. In: _____. Notas de Literatura I. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

BEM, Jeanne. O Estatuto Literário da Carta. Tradução de Cláudio Hiro. **Gênese: Revue Internationale de Critique Génétique**, Paris, n. 13, p. 103-115, 1999.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. **Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Ministério da Cultura, 2004. Coleção Papéis Avulsos 47.

MORAES, Marcos Antonio (org.). **Correspondência de Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Instituto de Estudos Brasileiros, 2001. (Coleção de Correspondência de Mário de Andrade 1).

RAMOS JÚNIOR, José de Paula. **A fortuna crítica de Macunaíma: Primeira onda (1928-1936)**. 2006. Dissertação de doutorado – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.